

En Doiro,  
antr'o Porto e Gaia

*Estudos de Literatura Medieval Ibérica*



*Organização*

JOSÉ CARLOS RIBEIRO MIRANDA

*revisão editorial*

RAFAELA DA CÂMARA SILVA



**estratégias criativas**

PORTO

# En Doiro, antr'o Porto e Gaia

*Estudos de Literatura Medieval Ibérica*





## A TRADUÇÃO NO *ORTO DO ESPOSO*

BARRY TAYLOR  
*The British Library*  
barry.taylor@bl.uk

O *Orto do Esposo* é um tratado didático em quatro livros, compilado por um autor anónimo entre 1383 (faz referência à morte de D. Fernando I, ocorrida nesse ano) e 1437 (ano em que a obra é registada num inventário)<sup>1</sup>. O autor explica:

«eu mui pecador e nom digno de todo bem escrevi este livro pera proveito e spiritual dilecção de todolos simplezes fiees de Jhesu Christo, e spicialmente pera prazer e consolação da alma de ti minha irmã e companheira da casa divinal e humanal, que me rogaste muitas vezes que te fizesse em linguagem u livro dos fectos antigos e das façanhas dos nobres barões e das cousas maravilhosas do mundo e das propiedades das animalias pera leeres e tomares espaço e solaz em os dias em que te convem cessar dos trabalhos corporaes 3/1)»<sup>2</sup>.

Pensa-se que tanto o autor como a destinatária poderão ter sido religiosos no mosteiro de Alcobaça, em parte porque lá se conservava o manuscrito principal da obra. Embora rica em *exempla*, trata-se explicitamente de uma obra para a leitura privada e não para uso do predicador<sup>3</sup>.

1. Luciano Rossi, *A literatura novelística na Idade Média portuguesa*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1979, p. 57.
2. Cito o texto do *Orto* segundo Irene Freire Nunes (ed.), *Horto do Esposo*, (Obras clássicas da literatura portuguesa: literatura medieval), Lisboa, Colibri, 2007, mas dou a paginação das de Bertil Maler (ed.), *Orto do Esposo*, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1956, 3 vols.; Stockholm, Almqvist & Wiksell, 1964, e de Nunes. O melhor estudo de conjunto do texto é Raúl César Gouveia Fernandes, «A pedagogia da alma no *Horto do Esposo*», in Lênia Márcia Mongelli (ed.), *A literatura doutrinária na corte de Avis*, São Paulo, Martins Fontes, 2001, pp. 51-105.
3. Cf. Barry Taylor, «Los libros de materia predicable: ¿obras de referencia o lectura privada?», in *Revista de Poética Medieval*, 24 (2010), pp. 211-224.

A quase totalidade do *Orto* provém de fontes latinas, já identificadas por Bertil Maler na sua edição clássica de 1956-1964. E as palavras que se seguem não são mais do que uma glossa à sua obra.

O meu objecto de análise é a técnica de tradução do autor do *Orto*. Tenho bem presente as palavras de Andrea Baldissera ao comentar uma obra espanhola parecida com o *Orto*, o *Libro de los exemplos por A.B.C.*:

«Stabilire con precisione in quale misura, e secondo quali criteri abbia agito [il traduttore], è perciò necessario, non soltanto per valutare lo stile e la tecnica traduttoria dell'arcidiacono di Valderas, ma anche per il lavoro di edizione dell'opera»<sup>4</sup>.

Porém, a questão constante neste comentário será a das fontes directas e indirectas, sem esquecer as modificações que o texto latino pode ter sofrido antes de chegar às mãos do tradutor. Uma vez resolvida esta questão, podemos examinar a maneira como o tradutor manuseia o seu modelo.

Por razões práticas, este estudo trata de três livros de fácil acesso na Idade Média: a *Disciplina clericalis* de Pedro Afonso, a *Legenda Aurea* de Jacobo da Voragine e os *Factorum et dictorum memorabilium libri novem* de Valério Máximo. São três textos escritos num estilo simples. Com efeito, sobre Valério Máximo comentou Erasmo: «o seu estilo assemelha-se ao de Cícero, tal como um homem se assemelha a uma mula»<sup>5</sup>. O autor do *Orto* é também capaz de lidar com originais de estilo mais elevado: traduz dois passos do *De vita solitaria* de Petrarca (272/255, 339/316) e dois das *Confissões* de Santo Agostinho (19/17, 77/76) e uma das epístolas de São Jerónimo (22/20), ou directamente (na opinião de Maler) ou talvez por intermédio da *Legenda Aurea*.

Os três textos analisados, que circulavam em recensões vulgatas, oferecem bom material para o estudo da técnica de tradução do autor do *Orto*.

#### A DISCIPLINA CLERICALIS DE PEDRO AFONSO

Pedro Afonso contribui apenas com dois exemplos para o *Orto*: *De puteo* (DC xiv, *Orto* 314/293) e *De vindimiatore* (DC ix, *Orto* 316/295). O *Orto* não dá nenhuma indicação de fonte. No que respeita à história do texto da *Disciplina*, Tolan (154-58) mostra que o texto circulava com frequência em edições parciais (255, nota 75 (manuscritos do s. XIII),

4. Andrea Baldissera (ed.), *Clemente Sánchez, Libro de los exemplos por A.B.C.*, Pavia, Università di Pavia, Facoltà di Lettere e Filosofia, 2005, p. 22.

5. Dorothy Schullian, «Valerius Maximus», in Paul Oscar Kristeller (ed.), *Catalogus Translationum et Commentariorum*, Washington, Catholic University of America Press, 1984, vol. V, pp. 287-403 (p. 289).

nota 76 (s. XIV), nota 77 (s. xv))<sup>6</sup>; e os estudos de Berlioz e Polo de Beaulieu<sup>7</sup> e María Jesús Lacarra<sup>8</sup> descrevem a presença da *Disciplina clericalis* nos exemplários<sup>9</sup>.

No caso do *De puteo*, o *Orto* abrevia um texto latino muito parecido com o *textus receptus*.

*De puteo, Disciplina clericalis xiv*<sup>10</sup>

[1] Quidam iuuenis fuit, qui totam intentionem suam et totum sensum suum et adhuc totum tempus suum ad hoc misit ut sciret omnimodam artem mulieris, et hoc facto voluit ducere uxorem. [2] Sed primitus perrexit quaerere consilium et sapientiozem illius regionis adiit hominem et qualiter custodire posset quam ducere volebat quaeuivit uxorem. [3] Sapiens uero hoc audiens dedit sibi consilium quod construeret domum altis parietibus lapideis poneretque intus mulierem daretque sibi satis ad comedendum et non superflua indumenta [4] faceretque ita domum quod non esset in ea nisi solum hostium solaque fenestra per quam uideret, et tali altitudine et tali compositione per quam nemo posset intrare uel exire. [5] Iuuenis uero audito consilio sapientis, sicuti ei iusserat egit. Mane uero quando iuuenis de domo exibat, hostium domus firmabat, et similiter quando intrabat; [6] quando

*Orto (314/293)*

[1] Uũ mancebo trabalhava muito por saber a arte das molheres. E pose em sua vontade de casar. [2] E, ante que casasse, demandou conselho ao mais sabedor homem daquela comarca u uivia como poderia guardar aquela molher com que casaria. [3] E o sabedor lhe deu conselho que mandasse fazer ãa casa de mui altas paredes e que posesse dentro sua molher e lhe desse boo mantimento nom sobejo. [4] E que aquela casa nom tevesse mais de ãa porta e ãa freesta per que visse, em tal guisa que nom podesse sair nem entrar nem uũ. [5] E o mancebo fez todo per aquela maneira. E casou e pose dentro sua molher e quando ele entrava ou saía fechava ele mui bem a porta. [6] E quando havia de dormir escondia as chaves. E a molher avia grande sabor em na freesta pera ueer os que iam e uiinham pela rua. [7] E uũ dia que o marido era ido fora sobiu-se ela na freesta e uio uũ mancebo

6. John Tolan, *Petrus Alfonsi and His Medieval Readers*, Gainesville, University Press of Florida, 1993. Porém, não indica se o estado parcial do texto se refere à *collatio externa* ou *interna*.
7. Jacques Berlioz e Marie Anne Polo de Beaulieu, «La Capture du récit. La *Disciplina clericalis* de Pierre Alfonse dans les recueils d'*exempla* (xiii<sup>e</sup>-xiv<sup>e</sup> s.)», in *Crisol*, nouvelle série, 4 (2000), pp. 33-58.
8. María Jesús Lacarra, «Ecos de la *Disciplina* en la tradición hispánica medieval», in María Jesús Lacarra (ed.), *Estudios sobre Pedro Alfonso de Huesca*, Huelva, Instituto de Estudios Altoaragoneses, 1996, pp. 275-289.
9. Nos exemplários, o texto de Pedro Afonso submete-se a uma gama de tratamentos: «la copie mot a mot; l'amplification; le résumé court, en forme de schéma narratif; le résumé moyen; la copie servile sur une source intermédiaire; la copie sur la source intermédiaire, mais corrigée sur l'original; l'adaptation en langue vulgaire» (Berlioz e Polo de Beaulieu, pp. 42-43).
10. Cristiano Leone (ed.), Pietro Alfonsi, *Disciplina clericalis: sapienza orientale e scuola delle novelle*, Roma, Salerno, 2010, pp. 54-58

autem dormiebat, sub capite suo claves domus abscondebatur. Hoc autem longo tempore egit. Quadam vero die dum iuvenis ad forum iret, mulier sua, ut erat solita facere, ascendit fenestram et euntes et regredientes intente aspexit. [7] Haec una die cum ad fenestram staret, vidit quendam iuvenem formosum corpore atque facie. Quo viso statim illius amore succensa fuit. Mulier haec amore iuvenis succensa et ut supradictum est custodita coepit cogitare quo modo et qua arte posset loqui cum adamato iuvene. At ipsa plena ingenio ac dolositatis arte cogitavit quod claves domini sui furaretur dum dormiret. Et ita egit. [8] Haec vero assueta erat dominum suum unaquaque nocte vino inebriare, ut securius ad amicum suum posset exire et suam voluntatem explere. [9] Dominus vero illius philosophicis iam edoctus monitis sine dolo nullos esse muliebres actus coepit excogitare quid sua coniunx strueret frequenti et cotidiana potatione. [10] Quod ut sub oculo poneret, se finxit ebrium esse. Cuius rei mulier inscia de lecto nocte consurgens perrexit ad hostium domus et aperto hostio exivit ad amicum. [11] Vir autem suus in silentio noctis suaviter consurgens venit ad hostium et apertum clausit et firmavit et fenestram ascendit [12] stetitque ibi donec in camisia sua mulierem suam nudam revertentem vidit. Quae domum rediens hostium clausum invenit; unde animo multum condeluit et tandem hostium pulsavit. [13] Vir mulierem suam audiens et videns ac si nesciret interrogavit quis esset. [14] At ipsa culpae veniam petens et nunquam amplius se hoc facturam promittens nihil profecit. [15] Sed vir iratus ait quod eam intrare non permetteret, sed esse suum suis parentibus ostenderet. [16] At ipsa magis ac magis

fremoso e pagou-se dele e mandou falar com ele. E depois que teve com ele firmada sua maa preitesia [8] embevedava ameude seu marido e, depois que dormia, furtava-lhe as chaves e abria a porta e saía fazer sua vontade com aquele mancebo. [9] E, porque o marido era ensinado sobre as artes das molheres, parou mentes como sua molher lhe dava muito a beber. [10] E uñ dia bevoe mais que soia a ciinte perante a molher para veer o que faria. E ela levantou-se aa mea noite e fortou-lhe as chaves, assi como havia em custume, e abrio a porta e saío ao mancebo. [11] E o marido, que jazia espreitando, levantou-se e çarrou a porta mui bem. [12] E pose-se em na freesta, ataa que vio que sua molher que se tornava em camisa pera casa e começou a puxar a porta. [13] E o marido, mostrando que nom sabia quem era, perguntou quem estava aa porta. [14] E ela pidio-lhe perdom, dizendo que nunca mais sairia fora. [15] Mas ele nom lhe quis abrir, dizendo que ele diria aquele fecto a seus parentes. [16] E ela começou de gemer dizendo que se nom lhe abrisse que se lançaria em uñ poço que i estava e que ele daria conta dela a seus parentes. [17] Mas o marido nom a leixou por em entrar. [18] E ela tomou uña pedra e lançou-a em no poço com esta entençom que seu marido ouviria o sño da pedra quando caisse na agoa, e cuidaria que ela se lançara no poço. E tanto que ela se lançou a pedra em no poço, escondeo-se detras o poço. [19] E o marido, pensando que a molher jazia em no poço, saío fora da casa pera a veer o poço. [20] E ela, quando vio a porta aberta, meteu-se em na casa e çarrou a porta sobre si. E sobio-se em na freesta. [21] E ele, que a vio estar, disse-lhe: «Oh molher chea de maa arte e enganosa, leixa-me

clamans dixit quod nisi hostium domus rec luderet, in puteum qui iuxta domum erat saliret et ita vitam finiret, sicque de morte sua amicis et propinquis rationem reddere deberet. [17] Spretis minis dominus suae mulieris intrare non permisit. [18] Mulier vero plena arte et calliditate sumpsit lapidem, quem proiecit in puteum hac intentione ut vir suus audito sonitu lapidis in puteum ruentis putaret sese in puteum cecidisse. Et hoc peracto mulier post puteum se abscondit. [19] Vir simplex atque insipiens audito sonitu lapidis in puteum ruentis mox et absque mora de domo egrediens celeri cursu ad puteum venit, putans verum esse quod mulierem audisset cecidisse. [20] Mulier vero videns hostium domus apertum et non oblita suae artis domum intravit firmatoque hostio ascendit fenestram. [21] Ille autem videns se esse deceptum inquit: «O mulier fallax et plena arte diaboli, permitte me intrare et quicquid mihi foris fecisti me condonaturum tibi crede!» [22] At illa eum increpans introitumque domus omnimodo facto atque sacramento denegans ait: «O seductor, tuum esse atque tuum facinus parentibus tuis ostendam, quia unaquaque nocte es solitus ita furtim a me exire et meretrices adire». [23] Et ita egit. Parentes vero haec audientes atque verum esse existimantes increpaverunt eum. Et ita mulier illa liberata arte sua flagitium quod meruerat in virum retrusit. Cui nihil profuit, immo obfuit mulierem custodisse: nam iste etiam accidit cumulus miseriae quod existimatione plurimorum quod patiebatur meruisse crederetur. Unde quidem bonis compluribus pulsus, dignitatibus exutus, existimatione foedatus ob uxoris maliloquium incestitatis tulit supplicium.

entrar e eu te perdoarei quanto fizeste». [22] E ela lhe disse que o nom faria, mas que diria a seus parentes que ele todalas noctes assi saía a fazer seu pecado com as maas molheres. [23] E assi o fez. E eles doestaram muito mal o marido. E per esta guisa tornou o seu mao fecto sobre o seu arido, E nom lhe aproveitou nada a guarda que pose em ela.

A brevidade do texto português revela que, em muitos passos, Pedro Afonso abusa dos sinónimos: para os objetivos do *Orto*, muitos segmentos da *Disciplina* resultam obviamente desnecessários: o latim «qui totam intentionem suam et totum sensum suum et adhuc totum tempus suum ad hoc misit ut sciret omnimodam artem mulieris» [1] não é superior ao português «trabalhava muito por saber a arte das mulheres» e quase todo o segmento [7] é omitido sem prejudicar o curso da narrativa; o autor do *Orto* também elimina várias expressões redundantes: «vero hoc audiens» [3], «audito consilio sapientis» [5], etc.

O segundo exemplo é mais ambíguo.

*Disciplina clericalis ix (pp. 42-44)*

[1] Perrexit quidam ut vindemiaret vineam. Quod uxor illius videns intellexit illum circa vineam diutius moraturum et misso nuntio convocat amicum conviviumque parat. [2] Accidit autem ut dominus ramo vineae in oculo percussus domum cito rediret nihil de oculo percusso videns; veniensque ad portam suae domus hostium pulsavit. Quod uxor intelligens nimium turbata convocatum amicum abscondit seorsum et domino suo hostium postea aperire cucurrit. Qui intrans et graviter pro oculo tristis et dolens iussit cameram parari et lectum sterni, ut posset quiescere. Timuit uxor ne intrans cameram amicum latitantem videret. [3] Dixit ei: «Quid tantum properas ad lectum? Dic mihi quid tibi sit prius!» Narravitque ei totum ut acciderat. «Permitte,» inquit illa, «karissime domine, ut oculum sanum medicinali arte confirmem et carmine, ne ita eveniat de sano ut mihi evenit de iam percusso, quia dampnum tuum commune est nobis». [4] Apponensque os suum ad oculum sanum tantum fovit quousque amicus

*Orto 316/295*

Onde deve todo homem rogar ao Senhor Deus que o guarde do engenho e de arte da maa molher. Ca a sua arte e o seu engenho é mui enganoso e mui perigoso.

[1] Assi cõo fazia ãa molher a uñ seu marido que era cego duñ olho. Ca, enquanto ele foi fora da sua casa, mandou ela chamar seu amigo com que fazia maldade e metê-o em sua camara. [2] E o marido tornou pera a sua casa mais toste que ela cuidava. E ela temê-se que entrasse seu marido na camara e que achasse o amigo. [3] E disse a seu marido: «*Senhor, eu sonhava esta nocte que vós viades do vosso olho seestro que tiinhades cego. Leixade-me provar se é verdade*». [4] *E entom ela pose-lhe a mão sobelo olho destro de que ele via*. E entom ela fez sinal ao amigo que jazia em na camara que se saisse fora, enquanto ela tiinha a mão sobre o olho do marido, nom entendendo esto o marido. E assi parece que mui perigosa é a arte da maa molher.



a loco ubi absconditus erat viro nesciente discessit. Tandemque se erigens: «Modo,» inquit, «karissime vir, sum secura ne simile de hoc oculo eveniat, quale de altero evenit. Iam potes, si placet, ad lectum descendere».

Perante o texto latino, o *Orto* oferece três diferenças: omite a explicação da cegueira do marido (em Pedro Afonso a cegueira é resultado dum golpe [2], no *Orto* é simplesmente um homem cego de um olho [1]); o *Orto* acrescenta o detalhe do sonho [3]; e a mulher cobre o olho do marido com a mão e não com a boca [4].

Rossi descobriu que os detalhes do sonho e da mão aparecem em duas coleções de *fabliaux* derivadas de Pedro Afonso:

«il me sembloit a bon escient que vous estiez revenu, que vous parliez a moi, et si vieiez tout aussi cler d'un oil comme de l'autre" [...] Et monseigneur [...] souffrit bien que madame luy boucast son bon oeil d'une main» (*Les Cent Nouvelles nouvelles*, xvi)<sup>11</sup>.

«Quando tu me svegliasti per il tuo picchiare, io certo sommiava cum mia grandissima letizia che al cieco occhio t'era tornata la vista". E dicendo queste parole pose la siniestra palma della mano sopra il buono, che veder non potesse» (Sabadino degli Arienti, *Novelle porretane*, ii)<sup>12</sup>.

É obvio que o autor do *Orto* não trabalhava sobre o texto da *Disciplina clericalis* tal como este é transmitido nas boas edições. Também podemos estar seguros de que o detalhe do sonho não é uma invenção sua. Embora não se saiba precisamente sobre que modelo trabalhava o nosso autor, julgo que há evidência suficiente para concluirmos que a sua técnica como tradutor é fiel, com certa propensão à brevidade.

### A *LEGENDA AUREA*

A *Legenda Aurea* contribui com uns quarenta exemplos hagiográficos para o *Orto*. Não é, porém, a única fonte de material sobre as vidas dos santos<sup>13</sup>. Como no caso de Pedro Afonso, o nosso autor não lança luz sobre o seu modelo.

- 
11. Rossi, *A literatura novelística...*, p. 89; F. P. Sweetzer (ed.), *Les Cent Nouvelles nouvelles*, Genève, Droz, 1966, p. 113.
  12. Rossi, *A literatura novelística...*, pp. 89-90; Pasquale Stoppelli (ed.), *Giovanni Sabadino degli Arienti, Novelle porretane*, Aquila, Japadre, 1975, p. 16.
  13. Ana Maria Machado, «A *Legenda Aurea* nos exempla hagiográficos do *Orto do Esposo*», in *Colóquio Letras*, 142 (1996), pp. 121-36.

Num estudo clássico, Barbara Fleith traçou a transmissão textual da *Legenda*, estabelecendo a *collatio externa* das várias redações da obra<sup>14</sup>. Todavia, como assinalou Sherry L. Reames numa recensão, a estudiosa não procedeu a uma análise das variantes que se encontram no corpo do texto<sup>15</sup>. É, no entanto, provável que o nosso autor tenha conhecido uma versão muito parecida com a editada por Graesse<sup>16</sup> e Maggioni<sup>17</sup>.

A técnica de tradução aplicada à *Legenda* é, no geral, fiel, só se permitindo o nosso autor, de vez em vez, abreviar.

### Paulo e Dionísio

#### *Legenda Aurea cliii* (Graesse 683/Maggioni 1046)

[1] Cum autem Dionysius adhuc cum Paulo disputaret, forte transiit caecus per viam coram eis [2] statimque dixit Dionysius Paulo: «si dixeris huic caeco, in nomine Dei tui vide, et viderit, statim credam, [3] sed vitatis verbis magicis, quia forte nosti verba, quae habent huiusmodi efficaciam. [4] Ego formam verborum tibi praescribam. [5] In hac igitur forma verborum dices ei: “in nomine Jesu Christi, nati de virgine, crucifixi, mortui, qui resurrexit et ad coelum adscendit, vide”». Sed ut omnis suspicio tolleretur, Paulus dixit Dionysio, ut haec ipse verba proferret. [6] Cum ergo in eadem forma Dionysius caeco, ut videret, dixisset, protinus visum recepit. [7] Statim Dionysius cum Damaris uxore sua et tota familia baptizatus est et fidelis effectus sicque a Paulo per triennium instructus Athenis episcopus ordinatus est.

### Orto 9/6

[1] Chegou Sam Paulo aa cidade de Athenas e os grandes filosafo da cidade disputavam com el sobre a fe de Jhesu Christo. [2] E disse-lhe uñ filosafo que havia nome Dignis: «Se tu disseres a este cego em o nome do teu Deus que receba vista e el vir, logo te creerei. [3] Mais nom uses de palavras magicas, ca per ventura sabes tu taes palavras que ham este poderio». [4] E disse Sam Paulo: «Pera tu tolheres toda duvida eu te escreverei as palavras [5] e tu as di ao cego per tua boca, e em esta guisa: “Em no nome de Jhesu Christo, nado da virgem, crucifixo, morto, e que ressurgio e sobiu aos ceos: veel!”» [6] E entom disse Dinis ao cego estas palavras e o cego logo vio. [7] E Dinis logo creou a fe de Jhesu Christo e depois foi martir glorioso. E assi parece que o nome de Jhesu Christo é luz da fe catolica.

14. Barbara Fleith, *Studien zur Überlieferungsgeschichte der lateinischen «Legenda Aurea»*, (Subsidia hagiographica 72), Bruxelles, Société des Bollandistes, 1991.

15. Sherry L. Reames, recensão de Fleith, in *Cahiers de Civilisation Médiévale*, 36 (1993), pp. 306-07.

16. Theodor Graesse (ed.), *Jacobi a Voragine Legenda Aurea vulgo historia lombardica dicta*, Dresdæ-Lipsiæ, Arnold, 1846.

17. Giovanni Paolo Maggioni (ed.), *Legenda aurea*, Tavarnuzze-Firenze, SISMEL, 1998, 2 vols.

O exemplo de São Ciríaco traduz fielmente a *Legenda Aurea*:

**Ciriaco**

*Legenda Aurea cxvi (Graesse 487/ Maggioni 750)*

[1] Filia autem Dyocletiani nomine Arthemisia cum a daemonio vexaretur, clamabat in ea daemon dicens: non exeam, nisi Cyriacus dyaconus veniat. [2] Unde ad eam adductus Cyriacus cum daemone imperaret, respondit: «si vis ut exeam, da mihi vas aliquod, in quod intrem». [3] Responsitque Cyriacus: «ecce corpus meum, si potes, ingredere». [4] Cui daemon: «in vas tuum intrare non possum, quia undique est signatum et clausum, [5] sed, si ejicis me, scito, quod in Babyloniam te venire faciam». [6] Et cum coactus exisset, Arthemisia clamavit dicens, quod Deum, quem Cyriacus praedicat, videret. [7] Cum igitur illam Cyriacus baptizasset et ex gratia Dyocletiani et Serenae uxoris ejus in domo, quam dederat ei, securus viveret, venit nuntius a rege Persarum ad Dyocletianum rogans, ut ad se Cyriacus mitteretur, quia filia a daemone vexaretur. [8] Ad preces igitur Dyocletiani Cyriacus cum Largo et Smaragdo navi impositis in Babyloniam laetus ivit, cumque ad puellam pervenisset, daemon per os ejus clamavit dicens: «fatigatus es, Cyriace?» Cui Cyriacus respondit: «non sum fatigatus, sed ubique Dei auxilio gubernatus». Ait daemon: «tamen ego, ad quod volui, te perduxit». [9] Tunc Cyriacus dixit daemone: imperat tibi Jesus, ut exeas. [10] Et statim exiens daemon dixit: «oh nomen terribile, quod me coartat exire». Et sic sanata puellam cum patre et matre et multis aliis baptizavit.

**Orto 14/11**

[1] O emperador Diocleciano rogou a Sancto Ciriaco que desse saude a ãa sua filha que era mui mal treita do diaboo. [2] E Sancto Ciriaco entrou u estava a filha do emperador e disse: «Em nome do nosso Senhor Jhesu Christo mando a ti, demom, que saias do corpo desta moça». E o demom respondeu: «Se queres que eu saia, dá-me vaso em que entre». [3] E disse-lhe Sancto Ciriaco: «Se tu podes, ex o meu corpo, entra em ele». [4] Respondeu o demo: «Eu nom posso entrar em no teu vaso, porque é çarrado e assinado de cada parte». E disse-lhe Ciriaco: «Em nome de Jhesu Christo, sae dela, por tal que seja facta vaso limpo pera o Spiritu Sancto». [5] Entom braadou o demo e disse: «Oh, Ciriaco, se me lanças daqui, eu te farei ir a Persia». [6] E disse-lhe Sancto Ciriaco: «Em no nome do nosso Senhor Jhesu Christo, sae dela!» E o demo saiu logo da donzela e baupuzou-a Sancto Ciriaco. [7] E a pouco tempo mandou rei de Persia por Sancto Ciriaco pera dar saude a sua filha que era mal treita do emiigo. [8] E quando chegou a el-rei de Persia e entrou u estava a filha d'el rei, em esta hora braadou o diaboo pela boca da donzela dizendo: «Que queres tu, Ciriaco?» [9] E disse Ciriaco: «Em nome de meu Senhor Jhesu Christo, sae dela!» E disse-lhe o diaboo: «Cansado es, Ciriaco? Eu te aduxe a Persia assi como te ante disse». [10] E com grande clamor dizia o diaboo em no aar: «Oh, nome espantoso que me faz sair forçosamente». E des aquela hora foi facta a donzela sãa e converteo-a Sancto Ciriaco e baupuzou-a.

A técnica de abreviação do *Orto* é perceptível na omissão de personagens secundárias (Serena, Largus, Smaragdus) e o anonimato de outra (Arthemía).

Nota-se também uma certa diferença na ordem dos saborosos diálogos entre o santo e o demónio, que facilmente se podem atribuir a um erro de leitura quer da parte do copista do texto latino, quer da parte do tradutor do *Orto*, quer, enfim, da parte do copista português.

### VALÉRIO MÁXIMO

O *Orto* cita umas quinze vezes «Valerio». O texto, porém, apresenta assinaláveis passos abreviados relativamente ao texto latino. Ora, sabe-se que muitos autores medievais – entre eles Chaucer<sup>18</sup> e o autor do *Libro de los exemplos por A.B.C.*<sup>19</sup> – conheciam Valério Máximo por intermédio das obras de João de Gales, designadamente através do *Communiloquium*, também chamado *Summa collationum*<sup>20</sup>. Maler, embora reconheça que o autor do *Orto* manuseava fontes de segunda mão, como o *Manipulus florum* de Thomas Hibernicus, não identificou a presença do Galense no nosso texto.<sup>21</sup>

#### Valério Máximo, 8.7. ext 5 (vol. II, p. 525)<sup>21</sup>

Carneades, laboriosus et diuturnus sapientiae miles, si quidem nonaginta expletis annis idem illi uiuendi ac philosophandi finis fuit, ita se mirificum doctrinae operibus addixerat ut cum cibi capiendi causa recubisset, cogitationibus inhaerens manum

#### 52/51

E conta Valerio de huñ filosafo, que avia nome Carneades, que [viveo] noueenta años e nunca cessou de leer en toda sua vida ataa sua morte. E, quando siia aa mesa pera comer, assy estava aficado em cuydar enas obras da ensinanca, que lhe

18. Robert A. Pratt, «Chaucer and the Hand that Fed Him», in *Speculum*, 41 (1966), pp. 619-42.
19. José Aragüés Aldaz, «Sobre las fuentes del *Libro de los exemplos por A.B.C.*: el caso de Valerio Máximo», in José Manuel Lucía Megías (ed.), *Actas del VI Congreso de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval, Alcalá de Henares, 12-16 de septiembre de 1995*, Alcalá, Universidad de Alcalá, 1997, vol. I, pp. 169-82.
20. Ana M<sup>a</sup> Huélamo San José, «El *Communiloquium* de Juan de Gales en las letras castellanas», in José Manuel Lucía Megías (ed.), *Actas del VI Congreso de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval, Alcalá de Henares, 12-16 de septiembre de 1995*, Alcalá, Universidad de Alcalá, 1997, vol. II, pp. 821-28; *idem*, «Tres huellas de Juan de Gales en castellano», in Santiago Fortuño Llorens e Tomàs Martínez Romero (eds.), *Actes del VII Congrès de l'Associació Hispànica de Literatura Medieval, Castelló de la Plana, 22-26 de setembre de 1997*, Castelló, Universitat Jaume I, 1999, vol. II, pp. 245-53; e agora *idem*, «El *Libro del gobernador o Suma de collaciones o de ayuntamientos*: versión castellana del *Communiloquium* de Juan de Gales», tese doctoral, Madrid, Universidad Complutense, 2015. Helena Rovira Cerdà, «Els exempla de Valeri Màxim a la literatura catalana medieval», in *Scripta: revista internacional de literatura i cultura medieval i moderna*, 5 (2015), pp. 21-51.
21. *Valeri Maximi Facta et dicta memorabilia*, John Briscoe (ed.), Stuttgart, Teubner, 1998, 2 vols.

ad mensam porrigere obliuisceretur. Sed eum Melissa, quam uxoris loco habebat, temperato inter studia non interpellandi et inediae succurrendi officio dextera sua necessariis usibus aptabat. Ergo animo tantum modo uita fruebatur, corpore uero quasi alieno et superuacuo circumdatus erat. Idem cum Chrysippo disputaturus elleboro se ante purgabat ad expromendum ingenium suum attentius et illius refellendum acrius. quas potiones industria solidae laudis cupidus adpetendas effecit.

*Communiolum* 5.1.8:<sup>22</sup>

Et de mirifico eorum studio Valerius libro octavo capitulo septimo ait: quod Cornoydes laboriosus et diuturnus sapientie miles, siquidem xc expletis suis annis idem illi vivendi ac philosophandi finis fuit, ita ut se mirificum in doctrine operibus ad dixerat ut cum cibi recipiendi causa recubisset, cogitationibus inherens, manum ad mensam porrigere obliuisceretur. Et sequitur: animo ergo tantummodo multa uita fruebatur, corpore uero quasi alieno circumdatus erat.

**6.3. ext 2 (Vol. I, p. 395)**

Athenienses autem Timagoran, inter officium salutationis Dareum regem more gentis illius adulatum, capitali supplicio adfecerunt, unius ciuis humilibus blanditiis totius urbis suae decus Persicae dominationi submissum grauius ferentes.

*Communiolum* 1.8.2 (fol. [80v]): prout dicit Valerius libro v capitulo iii Quod Athenienses Thimogoram inter officium salutationis Darii regem more gentis adulate, capitali supplicio affecerunt.

esquecia de meter a mão em na mesa pera comer. E este tan solamente uia uida do coração, mas quanto aa uida do corpo, assy tinha come cousa alhea em que andava vistido. e tan solamente uia uida do coração, mas quanto aa uida do corpo, assy tinha come cousa alhea em que andava vistido.

**162/153**

E conta Valerio que os da cidade de Athenas condenarom aa morte uõ homem que havia nome Timogaram, porque louuaminhou rei Dario, em saudando-o e fazendo-lhe reverença, passando a alem do officio da saudaçom com suas louuaminhas.

[...]

Similiter narrat Seneca epistola lxx<sup>22</sup> de Alexandro: qui cum in obsidionem cuiusdam urbis in Asia circuiret muros imbecillia menium converteret vel quereret sagitta, percussus diu persedit ire incepta perficere, deinde cum repressa sanie ficti vulneris dolor cresceret, et crus eque suspensum paulatim obstupuisset coactus abstinere, «omnes» inquit «iurant me esse filium Iovis sed vulnus hoc me hominem esse clamat, adultores me decipere volunt sed nullus veritatem ostendit et vere adultores sunt deceptores seductores et inimici veritatis».

E el-rei Alexandre escarneceu de sus amigos que o louvaminhavam, dizendo que era filho de deus Jupiter. Ca uñ dia o ferrirom os imiigos com ùa seeta em na batalha, e a door era mui grande. E ele disse: «Todos me dizem que eo sou filho de Jupiter, deus do ceo, mas esta chaga brada e diz que eu som homem mortal».

Os dois exemplos estão no *Communiloquium* na mesma sequência em que aparecem no *Orto*, mas com um texto de umas duzentas palavras pelo meio. O exemplo de Alexandre não se encontra em Valério Máximo. Segundo Wardle, seria incompatível com as perspectivas de Valério, para quem Alexandre é uma figura de *hubris*<sup>23</sup>.

## CONCLUSÕES

As minhas conclusões não podem ser absolutas. Não podemos estar seguros de que todas as diferenças entre o *Orto* e os textos disponíveis actualmente se devem ao tradutor. Tão pouco está excluído que o nosso autor possa ter traduzido uma compilação já existente. No entanto, os paralelos que acabei de apresentar sugerem que o autor do *Orto* traduziu três textos importantes – Pedro Afonso, Valério Máximo (aliás, João de Gales) e a *Legenda Aurea* – com fidelidade, com uma leve tendência à *abbreviatio*, evitando a glosa e a adaptação (hoje dizemos «apropriação»). Enfim, o nosso autor não assume o papel de um negociante entre a cultura latina e o leitor vulgar, mas sim o de um humilde transmissor.

22. Recte Epistola lix.

23. Dawid Wardle, «Valerius Maximus on Alexander the Great», in *Acta Classica*, 48 (2005), pp. 141-61.